



Estórias da Senhora do Tejuco: Chica da Silva na escrita de mulheres

Kelly Cristina Benjamim Viana¹

Resumo: A imagem das mulheres no Brasil colonial foi descrita por inúmeros viajantes estrangeiros, memorialistas e religiosos, como sendo submissa, se virgem casta, se casada fiel, reclusa ao lar e devotada aos filhos. Segundo Mary del Priore (1994) neste contexto a mulher branca da elite colonial aparece “submissa sexual, material e reclusa com rigor”, já a imagem da mulher de cor aparece como promíscuas, lascivas, “pivô da miscigenação”. Um exemplo bastante elucidativo do modo como se deu a representação da mulher negra na historiografia e na literatura brasileira se relaciona à construção da imagem de Chica da Silva. Segundo Júnia Furtado (2003) tanto a história, como os discursos ficcionais sobre a ex-escrava criaram novos estereótipos, descrevendo uma Chica distante da mulher de carne e osso que viveu no arraial do Tejuco, no século XVIII. Chica tornou-se personagem histórica pela primeira vez no livro Memórias do Distrito Diamantino publicado pelo advogado Joaquim Felício dos Santos em 1868, este reconstrói Chica segundo os desígnios de sua época, crivado de preconceitos. A partir da década de 1950, a personagem Chica da Silva transcende os escritos históricos e memorialísticos e vai ocupar espaço nos romances, na poesia, na música e no cinema. Celfília Meireles é a primeira mulher a escrever sobre Chica, ela dedica a ela versos no seu Romanceiro da Inconfidência, de 1953. Em 1966, Agripa Vasconcelos escreveu o mais famoso romance sobre ela, denominado, Chica que manda. Em 1971, Chica ganha novas feições mais positivas em Rei branco, Rainha negra de Paulo Amador (1990). Ainda na década de 70 João Felício dos Santos, sobrinho-neto de Joaquim Felício lança o romance Xica da Silva (1976), obra que serviu como suporte para o filme de Cacá Diegues lançado no mesmo ano. Somente em 2001 é publicado o primeiro romance sobre Chica escrito por uma mulher, Lia Vieira publica o seu livro Chica da Silva - a mulher que inventou o mar, a narrativa é diferente de todas sobre a personagem até então. No ano de 2016 são lançadas mais duas obras ficcionais escritas por mulheres que procuram retratar a personagem. A romancista Ana Miranda lança Xica da Silva: a Cinderela Negra e no mesmo ano em

¹ Professora da Universidade Estadual do Paraná – Campus União da Vitória. Doutora em História Social pela Universidade de Brasília.



que a jornalista e escritora Joyce Ribeiro publica o livro *Chica da Silva: o romance de uma vida*. Neste sentido, esta pesquisa tem como principal objetivo compreender as representações sobre o que é ser uma mulher de cor na sociedade colonial, através da escrita feminina sobre Chica da Silva, percebendo as várias nuances da personagem criada na imaginação das autoras.

Palavras-chaves: literatura, história, gênero, Chica da Silva

A imagem das mulheres no Brasil colonial foi descrita por inúmeros viajantes estrangeiros, memorialistas, religiosos e literários, como sendo submissa ao pai ou marido, se virgem casta, se casada fiel, reclusa ao lar e devotada aos filhos. Segundo Emanuel Araújo a mentalidade da época podia ser resumida no provérbio que aconselhava haver apenas três ocasiões em que a mulher virtuosa deveria sair do lar durante toda a sua vida: para se batizar, para se casar e para ser enterrada (ARAÚJO, 2008. p. 194).

Segundo a historiadora Mary del Priore (1994) a mulher no período colonial era em geral concebida a partir de uma representação estática, que projeta uma “enfadada ilusão de imobilidade” de sua pessoa (PRIORE, 1994. p. 11). A autora observa que tanto a mulher da elite como a do povo são representadas a partir dos estereótipos de santa ou pecadora, de submissa ou devassa. Neste contexto a mulher branca da elite colonial aparece “auto sacrificada, submissa sexual, material e reclusa com rigor”. À imagem dessa mulher se contrapõe a da negra e mulata, que aparecem como promíscuas, lascivas, “pivô da miscigenação e das relações inter étnicas.

Um exemplo bastante elucidativo do modo como se deu a representação da mulher negra na historiografia e na literatura brasileira se relaciona à construção da imagem de Chica da Silva. De acordo com Júnia Ferreira Furtado (2003), Chica da Silva foi uma personagem histórica nascida escrava entre os anos de 1731 e 1735 no arraial de Milho Verde que viveu no diamantífero arraial do Tejuco entre 1750 e 1779 data do seu falecimento. Sua vida se cruza à do contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira, com o qual manteve um relacionamento duradouro e 13 filhos. Chica conseguiu alforria e buscou logo mudar os rumos de sua vida, auferindo bens, tornando-se senhora de escravos e buscou comportar-se como um membro da elite tejuicana.



Tanto a história, como os discursos ficcionais sobre a ex-escrava, surgidos ao longo do tempo, “criaram novos estereótipos, descrevendo uma Chica distante da mulher de carne e osso que viveu no arraial do Tejuco, dos anos 30 a 90 do século XVIII”, afirma Junia Furtado (2003, p. 284).

Chica da Silva transcendeu o espaço temporal de sua existência, foi sem dúvida a personagem negra de maior fama do Brasil colonial. Tornou-se personagem histórica pela primeira vez ao ser descrita no livro *Memórias do Distrito Diamantino* (1956) publicado pela primeira vez pelo advogado Joaquim Felício dos Santos em 1868. O autor nas suas *Memórias* não somente buscou elencar os principais fatos do cenário político da história diamantinense, mas ao focalizar a fase de exploração de diamantes no Arraial do Tejuco, ressalta a história de Chica da Silva, que inscrita na obra com feições de lenda, ganha o estatuto de personagem histórica de alcance nacional.

Para construir esta representação de Chica Joaquim Felício dos Santos respaldou-se em depoimentos de moradores locais, em informações apreendidas nos autos processuais em que esteve envolvido enquanto advogado dos sucessores de Chica da Silva e principalmente nas suas concepções e convicções particulares.

Como um homem do século XIX, Joaquim Felício dos Santos reconstrói a sua personagem Chica da Silva segundo os desígnios de sua época, quando “(...) a mulher e a família deviam reger-se pela moral cristã e onde imperavam os preconceitos contra ex-escravos, mulheres de cor e uniões consensuais” (FURTADO, 2003, p. 266). Ainda segundo Júnia Furtado enquanto “membro da elite branca preconceituosa do século XIX (...)” (FURTADO, 2003, p. 268) descreveu Chica da Silva como uma “mulata de baixo nascimento” (SANTOS, 1956, p. 161)

Envolto por um imaginário preconceituoso do seu contexto histórico, Joaquim Felício dos Santos não tolerava o fato de um homem branco, nababo e instruído ter uma afeição duradoura por uma escrava, parda e filha de uma africana. Assim sendo, no seu livro *Memórias do Distrito Diamantino*, Joaquim Felício dos Santos sob os suportes de valores europeus e cristãos como também das suas preferências pessoais desenha a imagem de Chica da Silva como uma mulher que:

(...) tinha as feições grosseiras, alta, corpulenta, trazia a cabeça rapada e coberta com uma cabeleira anelada em caixos pendentes, como então se usava; não possuía, graças, não possuía beleza, não possuía



espírito, não tivera educação, enfim não possuía atrativo algum, que pudesse justificar uma forte paixão (SANTOS, 1956, p. 161).

Na obra do memorialista Joaquim Felício dos Santos, João Fernandes de Oliveira personifica a figura do senhor absoluto do Tejuco, homem arbitrário, que reprimia os moradores do arraial com sua tirania ao obrigar “(...) a elite local a se curvar à escrava opressora e dominadora, que se vestia ricamente e tinha tudo o que o dinheiro e o poder podiam comprar” (FURTADO, 2003, p. 268). Embora pejorativa e negativa, assim é a origem da primeira representação de Chica da Silva que desempenha um papel substitutivo do ausente vivido.

Entretanto, qualquer estudioso ao buscar a matriz de onde surgiram tantas imagens sobre essa personagem, certamente se deparará com o discurso oficial de Joaquim Felício dos Santos, já que o texto do memorialista marca a gênese das representações sobre essa mulher setecentista. A obra deste autor servirá de base concreta para quase tudo que se escreverá posteriormente sobre Chica da Silva. Embora o livro de Joaquim Felício dos Santos apresente informações deturpadas sobre essa mulher histórica, enquanto “relato original” e “texto fundador” foi constantemente retomado pelos autores subsequentes, que tomavam o seu texto como “matéria prima” ou “fonte principal” para os seus escritos sobre a vida da ex-escrava tejucana.

A imagem descrita por Joaquim Felício foi repetida quase com exatidão na obra *Sítios e personagens históricos de Minas Gerais* publicada em 1896 pelo Bispo de Mariana, Joaquim Silvério de Souza, sendo também pouco modificada na obra *Arraial do Tejuco, cidade Diamantina* de 1945 publicado por Aires da Mata Machado Filho.

Na obra *Sítios e personagens históricos de Minas Gerais*, a figura de Chica não se apresenta menos revestida de preconceitos. Sob esse aspecto, Júnia Furtado, em obra citada anteriormente, informa a divulgação do apelido de Chica no livro do religioso, como sendo: Chica “Quemanda”(FURTADO, 2003, p. 270). O livro desse representante do poder clerical repetia e propagava, em documento, uma alcunha carregada de ironia, de deboche, de despeito, enfim, uma designação reveladora do mal-estar que Chica da Silva causava à sociedade da época. Podemos concluir que a atribuição desse apelido a Chica, uma mulher que na sua origem trazia o estigma da escravidão, da subserviência.



A partir da década de 1950, a personagem Chica da Silva transcende os escritos históricos e memorialísticos e vai ocupar espaço nos romances, na poesia, na música e no cinema.

Celília Meireles é a primeira mulher a escrever sobre Chica, ela dedica páginas no seu *Romanceiro da Inconfidência*, de 1953, a descrever em versos a ex-escrava tejucana, No interior do poema narrativo de Meireles, Chica da Silva surge segundo os modelos consagrados pela História e pela ficção. São realçados os traços de uma Chica banhada em ouro, escrava alforriada, nas terras da Capitânia das Gerais, pelo contratador de diamantes, João Fernandes. A negra, que se postava feito a Rainha de Sabá, assemelhava-se a uma princesa e tinha um estilo tão faustoso que, por ocasião das festas religiosas, nessa perspectiva chegava a ofuscar a própria Ifigênia Santa Negra:

Nem Santa Ifigênia
toda em festa acesa
brilha mais que a negra
na sua riqueza.
Por baixo da cabeleira
tinha a cabeça rapada
e até dizem que era feia(...)
(MEIRELES, 1953, p. 53)

Em 1966, Agripa Vasconcelos escreveu o mais significativo romance sobre ela, denominado, *Chica que manda*. Junto com Dona Beja e Joaquina Maria do Pompéu, Chica faz parte de uma tríade de mulheres biografadas por Agripa. Na obra Chica é descrita como “morena alta, enxuta de carnes, cabelos negros corridos de filha de branco”, importa ressaltar que neste romance a coloração de Chica não se mantém inalterada, vai sendo escurecida aqui e ali, como também clareada. Em alguns momentos o autor se refere a Chica como autêntica mulata, e não desvincula de Chica o estigma da irresistibilidade e do fascínio físico que ela exerce sobre os homens.

Ela também é retratada como uma mulher contraditória, concebida no plano dos extremos do bem e do mal, a Chica antitética de Agripa Vasconcelos caminharia entre a crueldade e opecado de Eva e a santidade e caridade de Maria, é um verdadeiro anjo para sua escravaria e benemérita dos desamparados. Mulher que trata doentes desesperançados, sem amearhar custos, pois, os doentes eram igualmente objeto de



caridade. Mas também é uma mulher sádica e cruel capaz das piores atrocidades quando enciumada.

Descrita com um ciúme possessivo por Agripa Vasconcelos Chica da Silva mata Gracinha e Catarina, por ciúmes e medo de perder o contratador de diamantes. Chica da Silva também manda matar Zezinho, um suposto recadeiro amoroso entre João Fernandes e suas supostas amantes.

Chica da Silva não se distânciava tanto das mulheres assombrosas – brancas e proprietárias de escravos – da época, pois, na inscrição literária sabe ser tão traiçoeira e cruel quanto elas, cometendo crimes injustificáveis, como lançar de uma falésia um hipotético filho de uma relação extraconjugal de João Fernandes, com uma mulata livre casada com um de seus funcionários, só porque os pais eram negros e a criança era branca de olhos azuis como o contratador. A cena do assassinato é repleta da crueldade de Chica narrada por Agripa:

Pegou-o com jeito e saiu calma para a beira do rio, com ele nos braços. Quando a mãe viu, não teve susto. Sorria agradecida da lembrança da patroa de pegar seu filho. Chegando na barranca de pedra do poço fundo, ela desenrolou as baetas do corpo de pequerrucho e, num gesto repentino, em assomo alucinado, jogou a criança que despira no fundo do poço azul (VASCONCELOS, 1966, p. 126)

Em outro momento da obra Chica da Silva com a truculência de um carrasco assiste alegremente ao espetáculo da punição de um escravo, que a mando dela foi açoitado simplesmente por lhe olhar com certo desejo.

Em 1771, Chica ganha novas feições em *Rei branco, Rainha negra* de Paulo Amador (1990), que se inscreve nas narrativas que aspiraram resgatar, de forma positiva, o mito de Chica da Silva. Na estrutura do livro, um narrador onisciente, a personagem que encarna Padre Rolim, um dos participantes da Inconfidência Mineira, membro pertencente à família que criou Chica da Silva, decide “contar a verdadeira história de Chica da Silva” (p. 13). Alguém, pois da casa-grande, representante do poder religioso, tem autoridade/autoria para contar a história de Chica da Silva. Embora destaque a inteligência e a vivacidade de Chica da Silva, há uma ênfase em sua descrição física e em sua sensualidade. Para comprovar essa afirmativa, basta observar a cena em que se descreve o desejo que Chica da Silva sente por João Fernandes:



João tocou no braço de Chica. A pele dela fervia. Chica olhou firme para João. [...] Chica não encontrava palavra de língua de branco para dizer. Tudo que a partir dali chegava à ponta de sua língua era uma vontade *desrespeitosa de falar em língua de africano*. O que fervia dentro dela, saía pela noite da pele, furava os panos de vestido, entrava no nariz de João Fernandes. [...] João Fernandes foi até a porta, deu ordem ao feitor: - Cabeça, não recebo ninguém no dia de hoje. Fechou a porta. E Chica já se despia dos panos brancos de sua roupa africana. (AMADOR, 1971, p.86)

Essas e outras falas do narrador permitem localizar estereótipos comuns na composição da personagem tanto nas narrativas históricas como nas ficcionais.

Em *Rei Branco, Rainha Negra*, apesar de o texto ser atravessado por cantigas, versos e expressões das culturas africanas, que às vezes são utilizadas até como uma espécie de epígrafe de determinados capítulos, não há uma fusão profunda dessas expressões com o sentido da história que está sendo contada.

Ainda na década de 70 João Felício dos Santos, sobrinho-neto de Joaquim Felício lança o romance *Xica da Silva* (1976), obra que serviu como suporte para o filme de Cacá Diegues lançado no mesmo ano. Desta forma, se no século XIX Chica da Silva teve a sua aparência e o seu caráter infamados pela inscrição mordaz de Joaquim Felício dos Santos, no século XX a imagem de Chica da Silva será reatualizada por João Felício dos Santos.

João Felício dos Santos, na década de 1970, reabilita a aparência de Chica da Silva a exornando com muita beleza, esbanjando graça e sensualidade em seu romance (SANTOS, 2007), pois, ela passa a encarnar a partir dessa obra ficcional o estereótipo da mulata tentadora e irresistível, tipo feminino cobiçado pelos homens por seus atrativos sexuais e por sua acentuada beleza física e sensualidade aflorada, que são os seus grandes trunfos.

A imagem voluptuosa de Chica da Silva fantasiada por João Felício dos Santos tem ligações com a própria conjuntura sócio-histórica de escrita da obra literária, a década de 1970, momento histórico de forte inquietação política e cultural, quando se percebem mobilizações libertárias com o desejo de uma maior liberação sexual que prometia “sacudir a velha moral, o velho mundo pudico, autoritário, patriarcal, arcaico”. Chica da Silva passa a ser, na década de 1970, objeto das fantasias sexuais masculinas,



projeção de um tipo de mulher desbragada sexualmente, de corpo sempre disponível onde o sexo poderia ocorrer sem restrições.

O que ocorre na obra de João Felício dos Santos, onde o “eu” do autor é uma voz que tenta se passar pela voz da mestiça Chica da Silva, voz que se expressa por ela, que se posiciona por ela, mas que em momento algum questiona o racismo, a existência de preconceitos ou promove a desconstrução de estereótipos. Assim, na linha do chamado “romance histórico”, a obra ficcional de João Felício dos Santos *Xica da Silva* de 1976, mostra-se reveladora de representações femininas que dizem muito mais do tempo de escrita da obra do que do tempo em que se busca retratar.

No entanto é somente em 2001 que é publicado o primeiro romance sobre Chica da Silva escrito por uma mulher. Lia Vieira publica o seu livro *Chica da Silva - a mulher que inventou o mar*. A autora escreve sobre Chica a partir de seu ponto de vista de uma mulher negra inserida no movimento social, Lia Vieira, assim como a ilustradora do livro, Iléa Ferraz, concebem uma contra-narrativa a tudo que foi veiculado sobre Francisca Maria de Oliveira. Assim, o romance deve ser lido desde a ilustração da capa. Uma mulher negra, com o cabelo penteado com trancinhas afro esvoaçando no ar, assim como voejam as dobras de uma longa veste colorida que lhe cobre todo o corpo. De braços abertos como se fosse flutuar nas ondas coloridas, salpicadas de peixes multicores que lhe ornamentam o traje, Chica da Silva - desenhada por outra mulher negra, a artista plástica e também de teatro, Iléa Ferraz - apresenta uma feição firme e serena.

A escrita não esquece e nem despreza os acontecimentos históricos que cercaram Chica da Silva. É um texto que, dialogando com a História e mesmo com textos ficcionais precedentes, elege outro lugar para contar a vida da heroína. A voz condutora da narrativa se volta para o povo e para os fatos do cotidiano. Diferente das demais narrativas comentadas até aqui.

Um aspecto a salientar no texto de Lia Vieira é que a personagem aparece descrita em suas várias etapas de vida: infância, mocidade, maturidade e morte. Na evolução da narrativa, que corresponde às diferenciadas fases da vida da personagem, Chica da Silva, já adulta, compreende os horrores da escravidão.

Com cuidado nunca visto, a narrativa é construída com uma sutileza ímpar para se referir às relações amorosas de Chica da Silva. A descrição do momento em que o



casal se vê pela primeira vez coloca a relação dos dois nos moldes de um amor romântico. Aqui também há uma contraposição ao estado de quase desespero sexual, que acomete Chica da Silva e João Fernandes, no primeiro instante em que se olham, de acordo com outras narrativas já sacramentadas. Eis a descrição de Lia Vieira:

Estavam em meio ao pomar, sob a copa de velhas mangueiras, quando deles se aproximou Chica. [...]

Trouxe para o ar, um cheiro adocicado de jasmim e aloés. Com modos mansos e elegantes, fez uma reverência ao visitante. O olhar penetrante, dentadura belíssima e o altivo porte de rainha. [...] Chica começou a povoar os sonhos do contratador que, em vão, tentou sufocar a sua paixão. Quanto mais buscava esquecê-la, mais a imagem corporificava-se em seus pensamentos. Também ele povoava os sonhos de Chica, a quem a saudade torturava o coração. (VIEIRA, 2001, p. 25)

Na construção textual de Lia Vieira, observa-se o aproveitamento de nomes e expressões africanas, algo que pode ser ressaltado também no texto de Paulo Amador. Um exemplo pode ser percebido em uma canção em versos, entoada por um menino, livra Chica da Silva de morrer envenenada por pudim de claras enviado por uma das damas da cidade.

No ano de 2016 são lançadas mais duas obras ficcionais escritas por mulheres que procuram retratar a Senhora do Tejuco. A romancista Ana Miranda lança *Xica da Silva: a Cinderela Negra*. Pretendendo ser o mais fiel possível à realidade, tomou como referência Chica da Silva e o Contratador dos Diamantes - O Outro Lado do Mito, da historiadora Júnia Ferreira Furtado, da UFMG. A autora já havia acumulado um bom material desde a publicação de *O retrato do rei*, romance sobre a Guerra dos Emboabas, o conflito pela exploração das jazidas de ouro de Minas Gerais no início do século 18.

No romance entre passagens de cunho histórico, onde a autora narra aos moldes das obras de Laurentino Gomes, acontecimentos da história de Minas colonial, Chica é descrita ainda criança alternando brincadeiras nas matas com os deveres na cozinha, transitando entre o mundo da mineração como deviam fazer inúmeras crianças escravas e livres pobres no período:

Descalça, com os pés molhados. Xica sobe e desce o desbarranque da lavra, procurando folhetos de ouro, brilhantinhos. Às vezes, dá um grito se abaixa, apanha um diamante maior, que vai vender a algum capangueiro que anda nas lavras (...) com o dinheiro arrecadado Xica vai comprar guloseimas às escravas de ganho que andam sorradeiras pelas minerações. (MIRANDA, 2016, p. 116)



Ao conhecer João Fernandes Ana Miranda descreve uma Chica apaixonada como qualquer moça de sua época, longe da fêmea fatal e lasciva descrita nos romances anteriores, sobretudo, os escritos por homens. Na passagem onde a jovem Chica tenta chamar a atenção do contratador isso fica bastante visível:

Passa, sempre que pode, na frente da casa do contrato, apenas para rondar e, quem sabe, ver João Fernandes atrás de uma janela. Se houve cascos de cavalos, corre à janela, com o peito atarantado. Ao amanhecer, vai ao balcão esperar a passagem do contratador a caminho das lavras; faz que esta batendo um tapete, e bate com força, para tentar atrair os olhares do contratador. Parece-lhe que as vezes ele a olha, mas em seguida tem dúvidas sobre a própria observação, pode ser apenas o desejo de ser vista. (MIRANDA, 2016, p. 227)

No decorrer da obra Chica e João Fernandes assumem publicamente o seu romance, apesar da esperança das moças casadoiras do Arraial que o contratador logo se cansaria da amante e se casaria com uma mulher branca a sua altura. Sob esse aspecto Ana Miranda descreve um João Fernandes preocupado em transformar Chica em uma senhora distinta do Arraial. Para transformar sua ex escrava em Dona Francisca

João Fernandes manda vir do Rio de Janeiro dois mestres de nomeada, com grande dispêndio e altos ordenados. Eles trazem, e lêem para sua atenta, mas inquieta aluna, livros que contem tratados sobre a inesgotável matéria da etiqueta. Ensinam Dona Francisca a não dar cotoveladas, nem muxoxos, nem catar piolhos, não cuspir, não dar risadas ou gargalhadas (...) Xica perde a paciência, considera essa etiqueta burlesca e ridícula, mas treina para agradecer João Fernandes. (MIRANDA, 2016, p. 253-254)

Assim Chica se transforma na senhora mais poderosa de minas de diamantes, dona de cem escravos e mãe de catorze filhos, na obra de Ana Miranda, Chica não é vista apenas uma liderança comercial que influenciou toda a sociedade onde viveu, na região do Distrito Diamantino, em Minas Gerais. Ela também é descrita como possuindo um lado maternal, religioso, caritativo, todo um lado bem-comportado da Chica da Silva, contrariando o que normalmente se mostrava dela, pois só se buscava o seu lado irreverente, poderoso ou sensual. Também é descrita como uma espécie de mecenas da arte, ela construiu um teatro de bolso, mantinha atividades com musicais, teatrais, de dança, de folclore. É descrita, portanto, como grande fomentadora cultural,



incentivando como mecenas peças de óperas, danças e teatro. “Além disso, ela participava de irmandades, era piedosa, religiosa, caridosa. E há um depoimento surpreendente de que ela teria sido feia e com aquele corpo de mulher sedentária e comilona, imagino que já na idade avançada”, aponta Ana.

Até o final de sua obra o amor que Chica nutre por João Fernandes é constantemente reafirmado, mesmo após a partida deste para o reino, e a certeza de que ela jamais voltaria a vê-lo:

Xica não sabe se conseguirá viver sem a esperança da volta de seu homem. A vida parece não ter mais sentido, os dias se repetem monotonamente, lágrimas marejam seus olhos a qualquer instante, caem sobre o colo, o prato de comida, sobre os lençóis. O que a mantém viva são os filhos, as filhas a serem educadas nas Macaúbas. No rosto das crias ela busca traços do pai, ela o vê ainda vivo num olhar, num gesto, numa mecha de cabelos. (MIRANDA, 2016, p. 407)

A sexualidade e o erotismo sempre foram elementos sempre destacados de forma latente nas histórias a respeito de Chica da Silva. No entanto, na obra de Ana Miranda e segundo a própria autora achar que o sexo foi um fator decisivo na trajetória da ex-escrava apenas demonstra um “preconceito arraigado contra as mulheres e as negras. Se você pensar que tantas outras escravas do período colonial brasileiro se uniram a um homem rico, conquistaram a alforria, enriqueceram, e não se tornaram um mito, um símbolo, você vai decerto procurar os motivos em outras qualidades da Xica. Ela devia ter uma inteligência fora do comum, e uma grande habilidade nas relações humanas”, diz. Para a autora Chica foi apenas uma das muitas personagens que majestosamente superou sua condição de oprimida.

Desta forma podemos perceber que foram várias as tentativas da literatura de representar a imagem de Chica da Silva, ao longo dos anos. Há diversas obras de cunho literário em que Chica da Silva aparece retratada como figura de destaque do período colonial brasileiro, e para, além disso, obras que procuram imaginar o que era ser mulher negra naquela sociedade seja por meio das apreciações masculinas como as femininas que cunharam as suas representações.

O que se percebe de maneira preliminar é que as descrições de Chica cunhada por homens dão muito destaque a questão da sensualidade de Chica da Silva, sobretudo relacionada a cor da sua pele, reafirmando o estigma da mulata sensual. Nestes escritos,



na maioria das vezes, impera um imaginário em que a mulher negra seria sedutora somente pelos seus dotes físicos sexuais. Já na escrita das autoras aqui analisadas a sensualidade, quando aparece, é contrabalanceada com a imagem de mãe, de mulher apaixonada por seu companheiro, ou mesmo de senhora de si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AMADOR, Paulo. *Rei branco, Rainha negra*. Belo Horizonte: Editora LÊ, 1971. (1ª edição)
- FIGUEIREDO, Luciano. *O avesso da memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVII*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- _____. *Barrocas Famílias: vida familiar em Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- FURTADO, Júnia Ferreira. *Chica da Silva e o contratador de diamantes: o outro lado do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- KARASH, Mary. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro, 1808-1850*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência: crônica trovada da cidade de Sam Sebastiam*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- MIRANDA, Ana. *Xica da Silva: a Cinderela Negra*. Rio de Janeiro: Record, 2016 (1ª edição)
- NETTO, RangeuCerceanu. *Um em casa de outro: concubinato, família e mestiçagem na Comarca do Rio das Velhas (1720-1780)*. São Paulo: Annablume, 2008.
- RIBEIRO, Joyce. *Chica da Silva: O romance de uma vida*. Rio de Janeiro: Editora Planeta, 2016. (1ª edição)
- SANTOS, João Felício dos. *Xica da Silva*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora. 2007. (1ª ed. 1976)
- SANTOS, Joaquim Felício dos Santos. *Memórias do Distrito Diamantino*. Rio de Janeiro: Edições o Cruzeiro, 1956.
- VASCONCELOS, Agripa. *Chica que manda*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1966. (1ª edição)
- VIEIRA, Lia. *Chica da Silva - a mulher que inventou o mar*. Rio de Janeiro: OR Produtor Editorial Independente, 2001. (1ª edição)